

Leis de Hering: prós e contras

Ileana Rîndasu

Resumo

Este artigo debate uma série de argumentos a favor e contra as leis de Hering. Apresenta uma breve história da evolução temporal de enunciado dessas leis e como elas aparecem nos escritos de Hahnemann, Hering e Kent. Conclui-se com uma discussão das consequências concretas dessas leis para uma prática homeopática enxergada como medicina holística.

Palavras-chave

Leis de Hering; Supressão; Cura; Homeopatia; Medicina holística

Hering's Law: pro & con

Abstract

This article discusses a series of arguments pro and con Hering's Law. A short history of this law formulation is presented as well as its presence in writings by Hahnemann, Hering and Kent. It further discusses its consequences for the practice of homeopathy understood as a holistic approach to medicine.

Keywords

Hering's Law; Suppression; Healing; Homeopathy; Holistic medicine

Constantin Hering (1800-1880) nasceu em 1º de janeiro de 1800 em Oschatz, Saxônia (atual Alemanha). Em 1833 emigrou aos Estados Unidos, estabelecendo-se em Filadélfia, onde em 1848 fundou uma célebre escola de homeopatia, o Colégio Médico Hahnemann. Com o tempo, veio ser considerado um dos propulsores da homeopatia norte-americana. Foi, ainda, o autor de uma matéria médica em dez volumes, *The Guiding Symptoms of our Materia Medica*, de grande popularidade e apreciada pela comunidade homeopática até os dias de hoje.

Hering também é célebre por ter chamado a atenção da comunidade homeopática para uma segunda lei de cura (a primeira sendo *similia similibus curantur*), precisamente conhecida como “lei de Hering”.

Enquanto a primeira dessas leis de cura é conhecida desde a época de Hipócrates e não é contestada – eventualmente, nem sequer pela medicina convencional, que (esporadicamente) reconhece seus méritos – não é esse o caso desta segunda lei fundamental da homeopatia...

Os problemas começam já com o próprio termo “lei”: autores como André Saine, [1] por exemplo, consideram se tratar, mais bem, de um conjunto de regras, formulado inclusive antes de Hering pelo próprio Samuel Hahnemann, na obra *As Doenças Crônicas*.

Segundo Saine, não se trata de leis propriamente ditas, mas de regras ou de um grupo de regras interligadas com relação à cura, porquanto o conceito de lei requer cumprimento sistemático em todos os casos, enquanto na “lei de Hering”, as exceções são inúmeras. Além do mais, considera que este conjunto de regras também não deveria ser associado com o nome de Hering, porquanto, como já foi mencionado, foram formuladas por Hahnemann, bem antes que Hering.

Qual é o seu enunciado?

De fato, a primeira menção na literatura homeopática destas regras, foi realizada por James T. Kent, em 1900, na segunda de suas *Lições de Filosofia Homeopática* [2]:

“A cura deve proceder do centro para a periferia. Do centro para a periferia significa de cima para abaixo, de dentro para fora, dos órgãos mais importantes para os menos importantes, e da cabeça para as mãos e os pés.”

“Todo homeopata que compreende a arte da cura sabe que os sintomas que desaparecem seguindo essa direção, desaparecem definitivamente. Além do mais, sabe que se os sintomas que desaparecem na ordem inversa à do seu aparecimento, desaparecem definitivamente.”

Kent, neste caso, não parece diferenciar entre moléstias agudas e crônicas. A nomeação propriamente como leis e sua atribuição a Hering, foi realizada por Kent, em 1911, num artigo onde volta a apresentar estes conceitos, intitulado “Correspondência dos órgãos e direções da cura” [3].

Quanto a Hering, podemos encontrar uma primeira referência a este assunto em 1845, no prefácio à primeira edição norte-americana de *As Doenças Crônicas* de

Hahnemann, onde publica um ensaio intitulado “Guia para o desenvolvimento progressivo da homeopatia” [4], onde indica:

“Todo homeopata tem observado que a melhora das dores acontece de cima para abaixo, e no curso da doença, do interior para o exterior. É por este motivo que as doenças crônicas, quando são curadas, terminam sempre numa erupção cutânea, que varia em função da constituição de doente [...] nas doenças crônicas [...] a cura é sinalizada pela cura inicial dos órgãos mais importantes [...] a pele é a última a curar.”

“Nem um observador superficial pode vacilar em reconhecer esta lei do ordenamento.”

“Estas leis do ordenamento [...] explicam as numerosas erupções cutâneas que se seguem num tratamento homeopático, inclusive onde não existiam anteriormente [...] As que permanecem, estão lá porque a doença ainda existe no interior.”

Vinte anos mais tarde, em 1865, Hering voltou a esta ideia, num artigo intitulado “As três regras de Hahnemann acerca da hierarquia dos sintomas” [5], aonde afirma:

“A quintessência da doutrina de Hahnemann consiste em dar, em todos os casos, a preferência aos medicamentos que se opõem à direção do processo do adoecimento e que agem do interior para o exterior, de cima para abaixo, dos órgãos mais importantes aos menos essenciais, do cérebro e os nervos para fora e abaixo, até os órgãos mais exteriores e inferiores, a pele [...] Todos os medicamentos antipsóricos de Hahnemann possuem esta particularidade característica: a evolução dos seus efeitos do interior para o exterior.”

E, em particular, Hering chama a atenção para o fato de que:

“Em *Doenças Crônicas*, Hahnemann afirma [...] que os sintomas recentes são os primeiros a curar. Os sintomas mais antigos são os últimos a desaparecer. É uma observação de valor inestimável, uma regra prática de importância imensa.”

Em 1875, Hering insiste nessa última ideia à qual, aparente, ele atribuía importância fundamental: “Só se curam aqueles doentes que se libertam dos seus sintomas na ordem inversa à do aparecimento deles.” [6]

Desse modo, alguns autores, como Saine, afirmam que a lei de Hering deveria ser definida como uma regra prática acerca da direção da cura, com base na ideia de que todas essas regras se originam em observações originais de Hahnemann. Igualmente, Saine considera errado defini-las como leis, porque não concorda em que acontecem em todos os casos, em particular, a evolução dos sintomas de cima para abaixo, onde as exceções são mais frequentes do que a regra. Se for uma lei, afirma Saine, ela precisa ser reformulada.

Não importa que se trate de uma lei ou uma regra prática: o que ela representa para o médico homeopata?

Em primeiro lugar, a significação desta lei está ligada ao conceito de *supressão* (esconder, ocultar, recalcar). Quando o doente não é tratado como um todo, qualquer tratamento (inclusive o homeopático) só conseguirá é apagar os sintomas, mas sem curar a doença que, ao contrário, se desloca em profundidade, na direção de órgãos mais importantes na economia orgânica. Por exemplo, um eczema suprimido é rapidamente seguido por sintomas de asma bronquial.

A segunda consequência prática de esta lei ou regra se relaciona com os aspectos que devemos pesquisar nas consultas de retorno. É essencial que investigamos como se sente o doente com um todo, começando por sua disposição, estado de cansaço, e sono. Todas essas características devem melhorar paralelamente à melhora dos sintomas e sinais locais. Quanto a esses últimos, deve observar-se se progridem dos órgãos mais importantes aos menos vitais.

Alguns autores sugerem prestar também atenção ao aparecimento de sinais de exteriorização da doença, ou eliminação, que indicariam que a doença segue a direção correta de cura. Assim, são descritas quatro ou cinco vias possíveis de eliminação: no nível digestivo, vômitos, diarreia, etc.; no nível respiratório, secreção nasal, espirros, tosse com expectoração, resfriados frequentes; no nível renal: diurese mais abundante; no nível cutâneo: transpiração mais abundante, erupções (especialmente quando existiram previamente e foram suprimidas de alguma maneira); no nível genital, secreções de tipo leucorreia (especialmente quando existiram previamente).

Uma outra consequência prática visa pesquisar, durante a anamnese, a ordem de aparecimento temporal dos sintomas, e após o tratamento, a ordem em que desaparecem; os últimos sintomas a aparecer são considerados os mais importantes para o tratamento.

Finalmente, o prognóstico é extremamente favorável quando os sintomas desaparecem de acordo com esta lei de ordenamento.

Para concluir, o objetivo deste artigo visa contribuir a uma homeopatia praticada como medicina holística, do indivíduo como uma totalidade, onde sempre temos que levar em conta a interdependência dos órgãos, que nunca podem ser abordados de modo isolado nem como entidades separadas. Em nenhuma situação apenas um órgão está doente e os demais perfeitamente saudáveis. Ao tratar um caso de eczema, não podemos negligenciar o efeito sobre o organismo inteiro, e não me refiro apenas aos efeitos adversos dos medicamentos, mas também aos seus efeitos supressivos.

Referências

1. Saine A. Hering's law: law, rule or dogma? Second Annual Session of the Homeopathic Academy of Naturopathic Physicians. Seattle, April, 16-17, 1988. http://www.homeopathy.ca/articles_det12.shtml (Acesso em novembro de 2011).
2. Kent JT. Lectures in homeopathic philosophy. New Delhi: B. Jain, 2003.

3. Kent JT. Lesser writings. New Delhi: B. Jain; 2003.
4. Hering C. Preface to The Chronic Diseases (1845).
<http://www.simillimum.com/education/little-library/homoeopathic-philosophy/hpcd/article.php> (access in November 2011).
5. Hering C. Hahnemann's three rules concerning the rank of symptoms (1865).
<http://www.homeopathy.ac.nz/full-text-articles/hahnemann%E2%80%99s-three-rules-about-symptom-rank/> (access in November 2011).
6. Hering C. Analytical therapeutics. Ann Arbor (MI): Scholarly Publishing Office, University of Michigan; 2007.